



VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA NEGROS

**"ERA UM SONHO DANTESCO... O TOMBADILHO
QUE DAS LUZERNAS AVERMELHA O BRILHO.
EM SANGUE A SE BANHAR.
TINIR DE FERROS... ESTALAR DE AÇOITE...
LEGIÕES DE HOMENS NEGROS COMO A NOITE,
HORRENDOS A DANÇAR..."**

CASTRO ALVES

OBJETIVO

A presente cartilha tem o intuito de correlacionar temas como a seletividade policial, o racismo estrutural, a violência nas abordagens e a letalidade policial, sobretudo na atual conjuntura da pandemia, a partir de dados estatísticos coletados, relatos, casos pesquisados e depoimentos

PÚBLICO-ALVO

A cartilha em questão almeja a ampla divulgação, com enfoque especial no corpo docente e discente da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, com o objetivo de conscientizar e estimular o olhar crítico acerca do tema, além de mudanças no âmbito acadêmico

71%

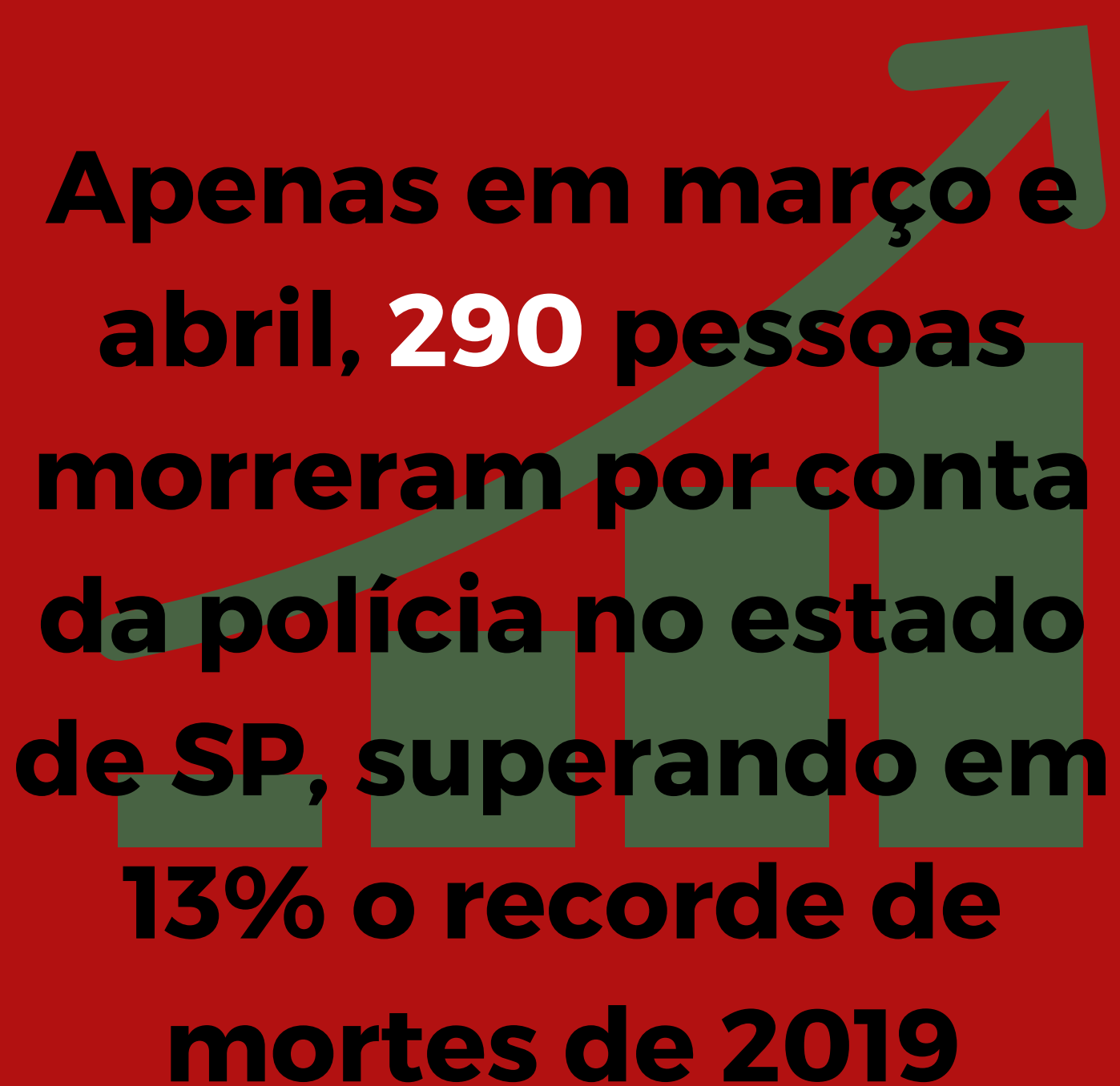
Foi a porcentagem de queda no número de roubos e estupros em 139 municípios de SP na pandemia

Porém, no primeiro semestre de 2020, a polícia matou em serviço 435 pessoas, maior índice desde 1996, quando a apuração começou

Dados do Instituto Sou da Paz

64% das vítimas eram negros

Corregedoria da Polícia Militar de SP: PM foi responsável por 3 em cada 10 mortes na pandemia em SP



Apenas em março e abril, 290 pessoas morreram por conta da polícia no estado de SP, superando em 13% o recorde de mortes de 2019

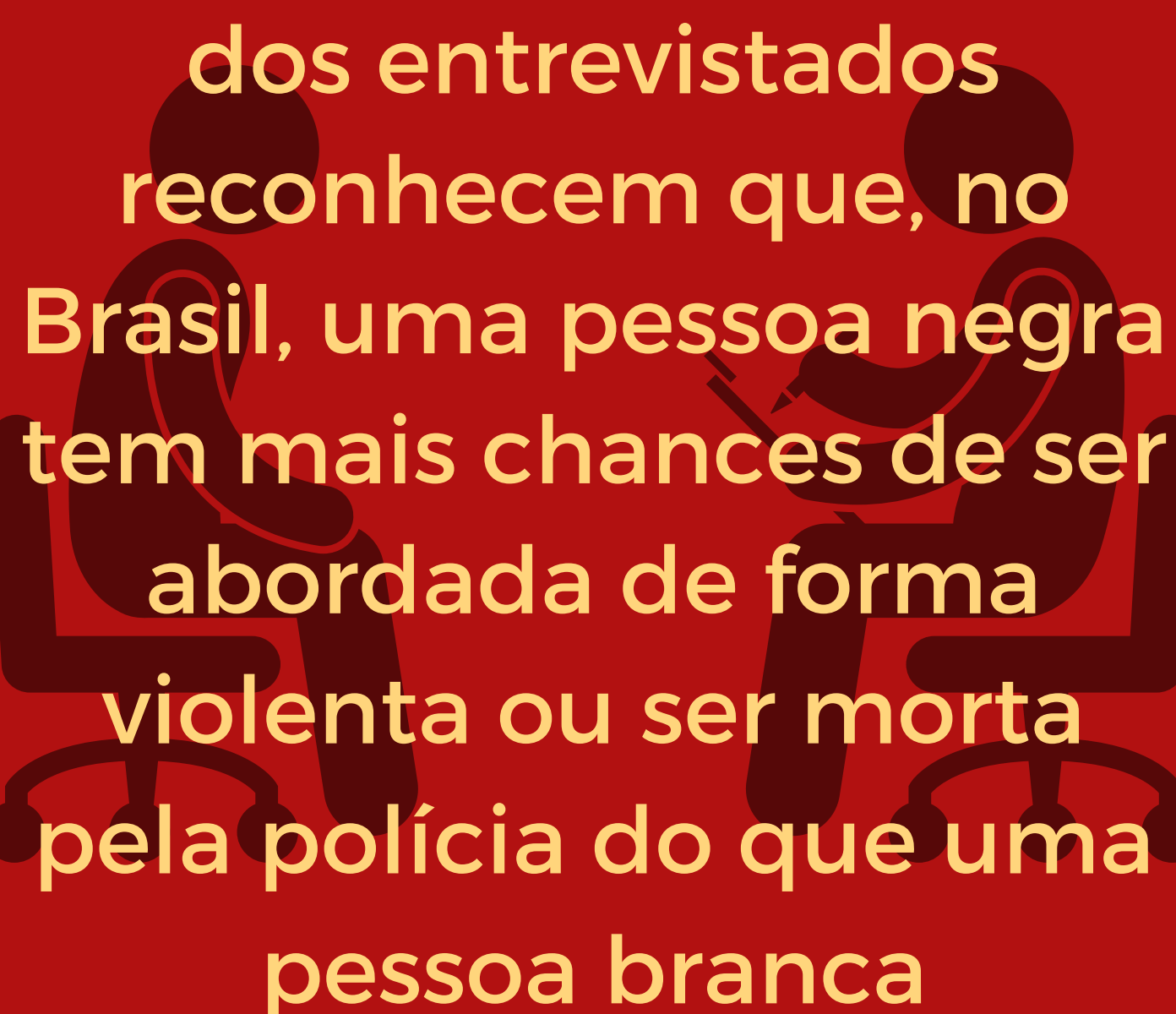
Dados do Instituto de Segurança Pública

Segundo dados obtidos pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro

72% das denúncias de abusos cometidos por agentes de segurança contra presos tinham como alvos presos **negros**

Entre as pessoas que sofreram agressões ou maus-tratos no momento da prisão, **80% são negros**. Na totalidade dos casos de maus-tratos, **sete em cada dez agressões** foram praticadas por **agentes públicos**

94%



dos entrevistados reconhecem que, no Brasil, uma pessoa negra tem mais chances de ser abordada de forma violenta ou ser morta pela polícia do que uma pessoa branca

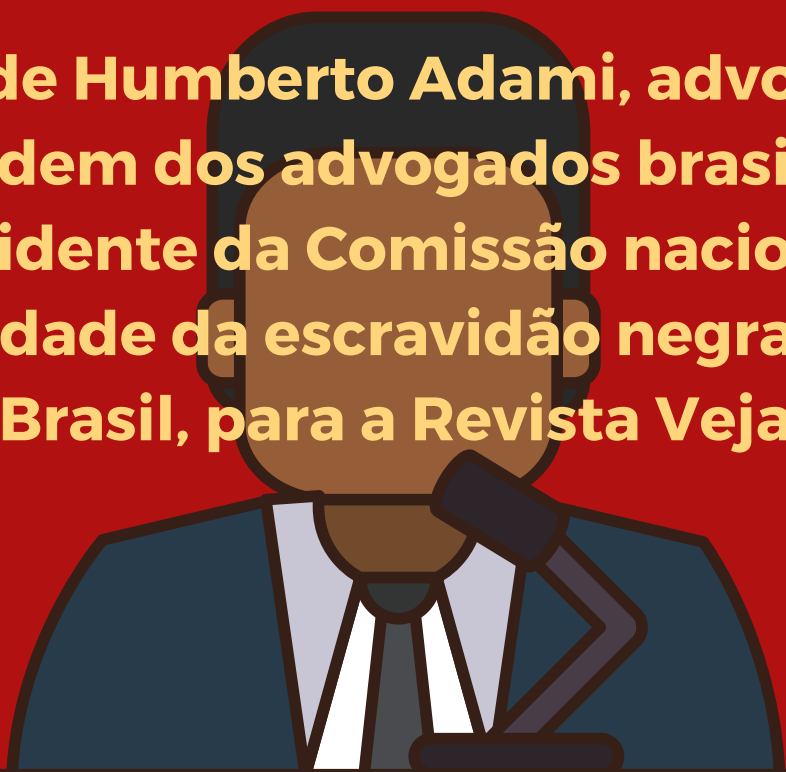
Instituto Locomotiva - Central Única das Favelas



Caso João Pedro, de 14 anos, negro, metralhado pela PM com 72 tiros dentro de casa durante a pandemia



Fala de Humberto Adami, advogado da Ordem dos advogados brasileiros e presidente da Comissão nacional da verdade da escravidão negra no Brasil, para a Revista Veja



**RACISMO
ESTRUTURAL**



"Mata muito mais do que a polícia americana! Só no Rio de Janeiro, em um mês, a polícia militar matou mais do que a americana em um ano. E, na maioria das vezes, são negros que são assassinados. **É incrível como o que chamamos de 'balas perdidas' acham corpos negros!**"

Essa fala revela a **naturalização** desse problema na sociedade brasileira, que se rebela diante de casos de **violência policial contra negros nos EUA**, mas, muitas vezes, se **cala** diante da realidade nacional



12 dos 27 estados brasileiros, ao disponibilizarem dados sobre a letalidade policial, não divulgam dados sobre a questão racial aí envolvida



Tema particularmente presente no eixo Rio-SP: segundo o G1, **SP, RJ e BA** concentram **57%** de toda a letalidade policial do país, embora só tenham **37%** da população



BRANCA

Tem medo de ser vítima a violência da PM

66%

Tem medo de ser acusado de um crime

67%

Tem medo de ter filhos presos injustamente

67%

0% 25% 50% 75%

PARDA

Tem medo de ser vítima a violência da PM

73%

Tem medo de ser acusado de um crime

74%

Tem medo de ter filhos presos injustamente

81%

0% 25% 50% 75% 100%

PRETA

Tem medo de ser vítima a violência da PM

72%

Tem medo de ser acusado de um crime

74%

Tem medo de ter filhos presos injustamente

80%

0% 20% 40% 60% 80%



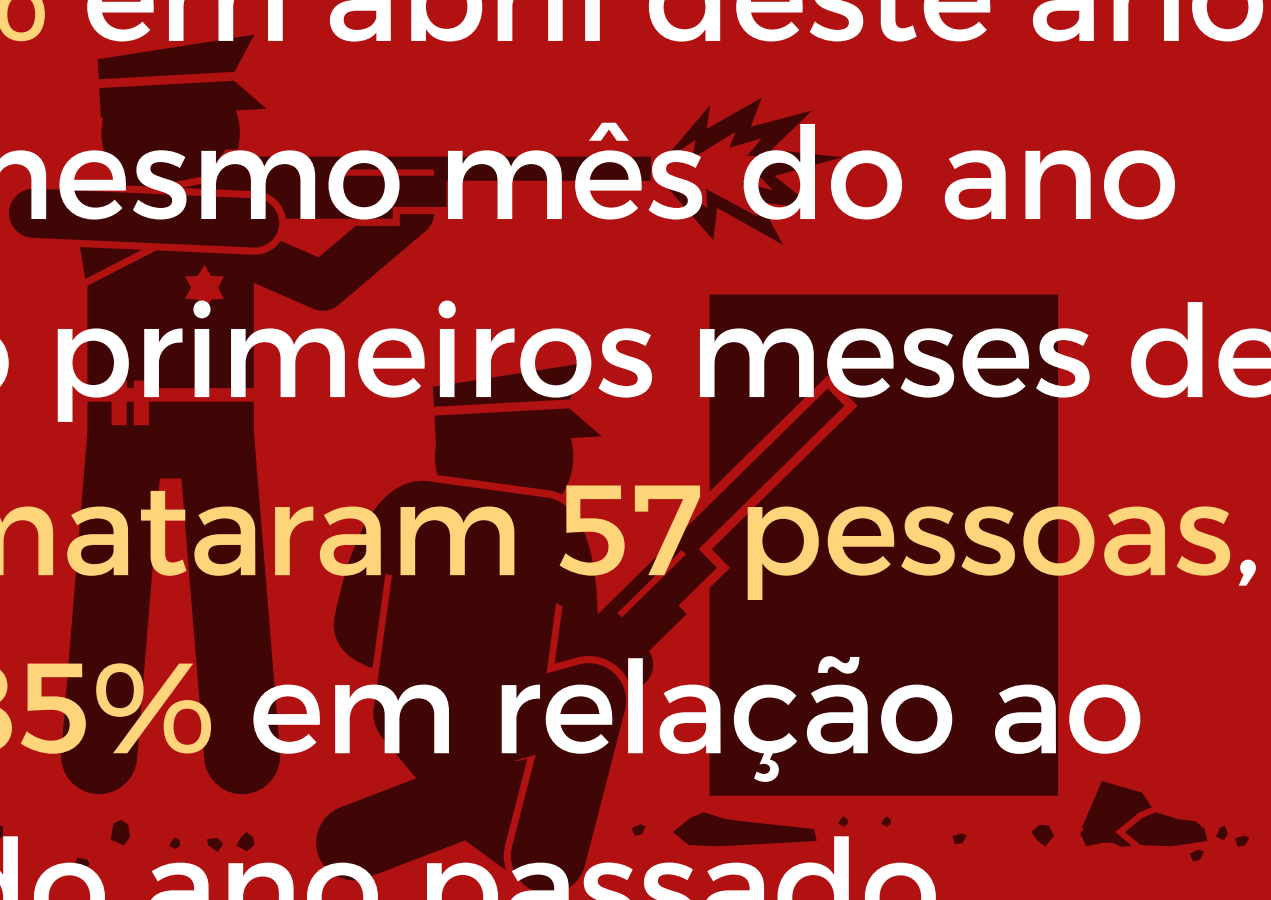
No **primeiro trimestre** de 2020, a Polícia Militar do Estado de São Paulo, durante as atuações nas ruas, **matou 218 pessoas** em supostos confrontos.

Portal da Transparência da SSP-SP
(Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo)





Dessas, 203 têm a informação da cor da pele. E os dados apontam que 129 vítimas (63,5%) são pretos ou pardos. O número representa um negro morto por policial militar em serviço em São Paulo a cada 16 horas

Em São Paulo, mortes provocadas por ações da polícia **subiram 53%** em abril deste ano em comparação ao mesmo mês do ano passado. Só nos quatro primeiros meses de 2020, PMs sem farda **mataram 57 pessoas**, um **aumento de 62,85%** em relação ao mesmo período do ano passado




Corregedoria da Polícia Militar de São Paulo

Na **quarentena**, PM de SP mata **102** em abril e bate recorde dos **últimos 14 anos**



Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

Os roubos e furtos **caíram** durante a, e mesmo assim a Polícia Militar atingiu o recorde histórico, com o **maior número de mortos em intervenções policiais no quadrimestre desde 2001**



Secretaria Estadual da Segurança Pública -
São Paulo

**Mortes cometidas pela polícia no estado de
SP de janeiro a abril**



291 MORTES



381 MORTES

**Mortes cometidas pela polícia no estado de
SP no mês de abril**



78 MORTES



119 MORTES

1 DIA

após o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), proibir operações no Rio durante a pandemia, houve tiroteio envolvendo policiais militares no Complexo do Alemão, zona norte do Rio de Janeiro, em pleno isolamento social



O criminalista e professor da Universidade Federal de Minas Gerais Leonardo Yarochevsky afirma:



"Como o governador Witzel é o chefe das polícias, ele pode ser processado pelas mortes que decorrerem da ordem "inconstitucional" de agentes atirarem para matar"



Professora Titular do Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Vice-Presidente da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da USP



Vice-Chefe do Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia da Faculdade de Direito da USP. Doutora em Direito Penal pela Faculdade de Direito da USP (2004). Membro Titular do Conselho de Política Criminal e Penitenciária do Estado de São Paulo

Ana Elisa Bechara

Há duas visões que entram em choque: Uma que prega que apesar da existência da violência policial, ela não é regra, sendo praticadas por algumas "maças podres". Outra visão é baseada em uma questão institucional, visto que faz parte da lógica policial, na medida em que as vítimas são sempre as mesmas. Qual é a sua visão em relação à isso?

Se olharmos para a nossa realidade, muitas vezes o policial é negro, e o mesmo racismo que ele pratica, ele também sofre. Isso mostra que vai muito além de um policial que é racista em um caso pontual, mostra que é uma estrutura que ele reflete. Sendo esse dos vários exemplos patentes de que o racismo é institucional, entende-se que a polícia é violenta pois o sistema é violento, tanto os juizes quanto promotores por exemplo.

A discricionariedade que é estimulada pelo Estado, propicia o racismo na medida em que se incentiva ao policial que aja em caso de fortes "suspeitas" ou com truculência em caso de resistência do indivíduo? Há uma forma de combate, promoção de novas ferramentas de educação dos policiais ou algo nesse sentido?

A discricionariedade abre espaço para que a polícia reflita o que o sistema é, isto é, racista. A educação não deve ser só do policial e sim da sociedade em si, ao lado de um sistema de protocolos e de responsabilização. Não se deve somente afastar o policial, mas também trabalhar com o sistema inteiro, o que evidentemente não ocorre no Brasil. Nota-se de forma patente uma cultura de submissão à autoridade baseada no "olha com quem você está falando", o que acontece nas abordagens policiais ou nas audiências nos tribunais.

É possível afirmar que há uma abertura maior para debate acerca do racismo na faculdade, em uma comparação com alguns anos atrás. A partir de que momento a senhora pôde perceber isso e qual o papel dos novos alunos nesse sentido?

Isso se fez mais presente a partir da implementação das políticas afirmativas. Se antigamente os alunos tinham um olhar mais alheio à realidade acerca do racismo estrutural e institucional, agora eles possuem como colegas de sala, pessoas negras que sofrem ou já sofreram alguma forma de violência em abordagens policiais, por exemplo. Assim, creio que os novos alunos têm esse poder de conscientizar e manter presente na faculdade a questão de que o racismo é patente na realidade brasileira e que precisamos de mais pessoas com essa visão no Judiciário.

Professora, em reiteradas vezes você afirma nas suas aulas que o Brasil não possui uma pena de morte expressa em lei, exceto em caso de guerra declarada. Contudo, diante da letalidade da polícia brasileira e da realidade do cárcere, é possível afirmar que o Brasil possui uma "pena de morte indireta", se assim podemos chamar?

No Brasil existe o fenômeno da chamada morte sem pena, uma execução extrajudicial, muitas vezes, de um mero "suspeito", por parte da polícia. Um extermínio de quem se acha que deve ser executado. A polícia no Brasil mata e mata muito e isso é naturalizado. O Estado fecha os olhos para isso e não chega nem perto de responsabilizar os envolvidos. Não raro essas mortes são apresentadas em cenas forjadas, como no Massacre do Carandiru ou são realizadas contra crianças e adolescentes como na Chacina da Candelária.

Possui graduação em Sociologia - Universidad Complutense de Madrid (1985) e doutorado em Sociologia - Universidad Complutense de Madrid (1991). Atualmente é Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Tem experiência na área de Psicologia Social e Sociologia, com ênfase em Outras Sociologias Específicas, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia de pesquisa, políticas públicas, educação, direitos humanos, violência e segurança pública

Ignácio Cano

Qual é a responsabilidade efetiva de cada policial nesse problema. Sabe-se que boa parte deles, inclusive, são homens negros e de classes pouco favorecidas, mas, ao mesmo tempo, adotam ações perpetuadoras do racismo. Seria, então, a atuação violenta de algum modo imposta aos agentes de segurança?

É preciso um programa de treinamento de policiais para que eles estejam cientes desse viés racial, que muitas vezes é inconsciente. O fato do policial ser negro não significa que ele não vai desenvolver esse viés racial. Isso precisa ser discutido nas academias, mas não como uma forma de culpabilizar os policiais. Não acredito que a resistência a uma transformação seja dos policiais individuais. Embora exista uma resistência institucional

A pandemia não trouxe novidades, mas apenas agravou um cenário de punitivismo e violência que já existia. Em sua entrevista à mídia Brasil de Direitos o senhor revela que a pandemia, na realidade, escancara quais as prioridades do governo. O senhor poderia explicar isso um pouco melhor, sobretudo no que tange à violência policial contra negros?

No Rio a pandemia mostrou que mesmo quando muitas pessoas estavam morrendo e havia uma emergência sanitária, o Governo Witzel continuava tendo como prioridade matar suspeitos e o número de pessoas mortas inclusive cresceu no início, antes da intervenção judicial. Tal cenário revelou qual era a prioridade do governo, que não era salvar vidas, mas sim, matar pessoas que eles consideravam suspeitas.

O ministro do STF, Edson Fachin, produziu uma decisão restringindo a atuação da polícia nas favelas brasileiras durante a pandemia. Sabe-se, porém, que isso foi amplamente desrespeitado. Em que medida, portanto, o Judiciário possui poder sobre o problema da violência policial? Essa é uma esfera adequada para a solução dessa questão?

Essa não é situação ideal. Na verdade, o Judiciário está entrando numa esfera que não lhe corresponde. Só que Executivo do Rio faz uso tão extremo da força, ignorando proteção da vida, que os Tribunais acabam entrando nas discussões se devem haver ou não operações policiais durante a pandemia.

A maior parte dos casos, estudos e bibliografias sobre a violência policial se encontram na década de 90 e seguintes. Qual é a explicação para que esse fenômeno tenha se tornado mais acentuado nas décadas mais recentes?

O viés racial é histórico, é secular no país, e só recentemente o Brasil abandonou essa fantasia que vivia numa democracia racial, de que as diferenças eram só diferenças de classe e que não havia diferenças de raça.



D&D

DIREITO & DISCRIMINAÇÃO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Aguiaia Akemi Ximenes

André Cozer dos Santos

Catherine Onaolapo Olatokunbo Fasoranti

Rafael Kenji Tomigawa

Victor Liberatore Miguel Gomez Martin